



*Revista
de
Espiritismo*

REVISTA de ESPIRITISMO

N. 14
1981

ORGÃO INFORMATIVO TRIMESTRAL
da

2.
TRIMESTRE

FEDERAÇÃO ESPÍRITA PORTUGUESA

*

Propriedade, Administração, Redacção, Composição e Impressão :
— R. Maestro Pedro de Freitas Branco, 24-A, r/c - 1200 Lisboa
Telefone 3952000

*

Responsabilidade do CONSELHO DIRECTIVO DA F.E.P.

Redactor : M. V.

*

Tiragem deste Número : 800 exemplares

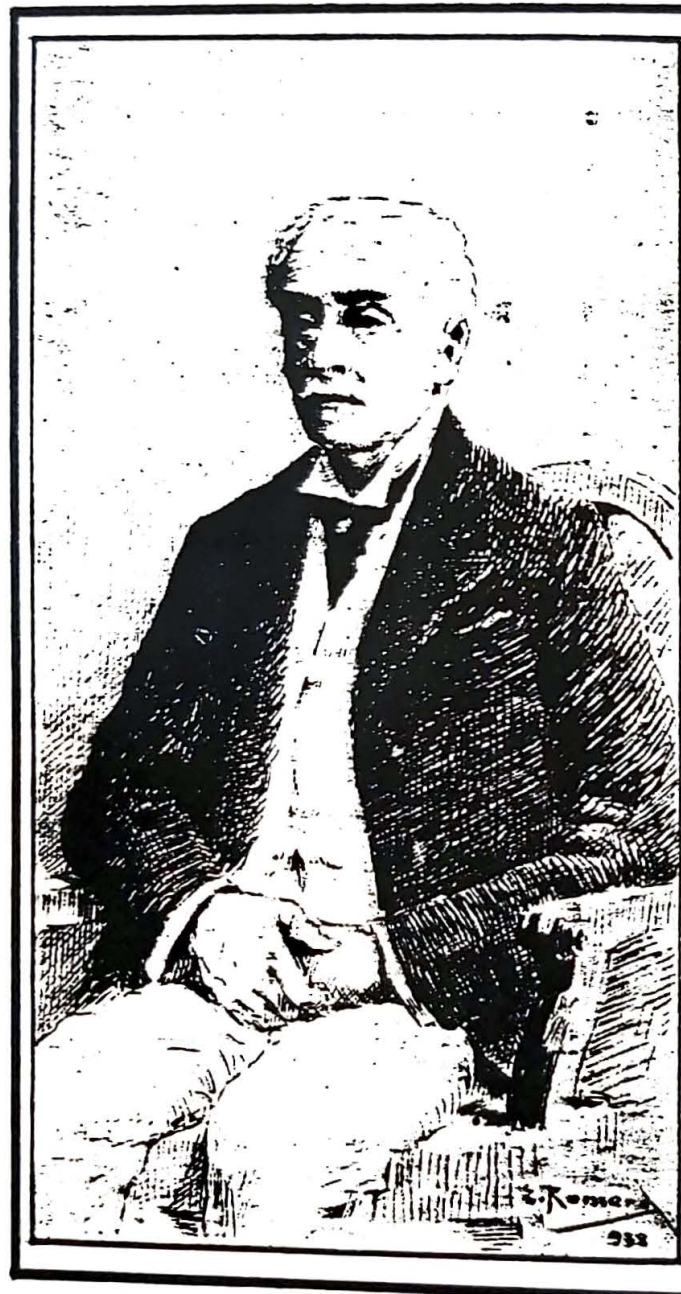
Custo por Exemplar - 150\$00

*

Neste Número	Págs.
Recordando	0
Editorial	1
Divaldo responde	2
Jornada Espirita 1991	4
Aspecto Religioso do Espiritismo	7
A FEP na Televisão	10
Visitas a Associações	11
K7s Video	14
Congresso Espirita 91 - SP	14
Camilo Castelo Branco : Palavras Minhas	15
Para o interior da criatura humana	18
De que serve fugir?... ..	20
Vida depois da Morte: as evidências actuais	24
V Congresso Internacional de Ciências Parap.	27
Teoria das Manifestações Físicas	28



DR. AFONSO ACÁCIO MARTINS VELHO



Nasceu na Certã, em 1848. Formado em Direito, em Coimbra, exerceu a advocacia, com a maior honestidade e brilho, como era próprio do seu lido carac er e da sua rara intelligência. Quási cincoentenário, dedicou-se aos estudos psíquicos, tendo publicado: "O Espiritismo Contemporâneo", "Manual de Magnetismo", "As Potências Ocultas do Homem", "Ocultismo e Magia" e "Contos Maravilhosos", que constituem uma valiosíssima e bela contribuição em favor da causa espirita. Com um soberano desprêzo pelos prejuizos que a qualificação de "espirita" lhe trazia como advogado, colaborou na revista "Estudos Psíquicos" e no jornal "Novos Horizontes". Criada a Federação Espirita Portuguesa, em 1925, foi eleito presidente da Direcção, cargo que exerceu até ao seu passamento. A vida do Dr. Martins Velho constitui um abnegado exemplo de sacrificio pela nossa causa. Que todos, portugueses e brasileiros, nesta "cruzada de regeneração social—levar luz aos cegos"—saibam imitar aquele que tão alto ergueu o estandarte da Ciência Psíquica, da Verdade e da Fé. S. C.



EDITORIAL

Momentos de júbilo, reflexão profunda, beleza e elevada espiritualidade, ninguém o nega, - pensamos -, foram os vividos com a presença de Divaldo Franco, na execução do programa doutrinário que a Federação, com o inequívoco apoio e colaboração de Associações e outros companheiros de Ideal, pôde levar a efeito. São momentos que nos permitem avaliar que o Movimento Espirita Português é uma realidade em marcha, na busca da sua finalidade.

Os espíritas vieram a público para se congratularem, em face dos esclarecimentos facultados, por seguirem uma Doutrina alicerçada em sólidos fundamentos e, pela consolação que faculta, básica da saúde mental e física.

É um facto que podemos constatar : se a Doutrina Espírita fosse profundamente sentida, despertando, de facto, o Ideal que ela encerra, teríamos a breve prazo o Movimento reforçado, e superados os problemas que, de algum modo, são entrave à sua maior dinâmica.

Observamos admiráveis gestos de simpatia e generosidade, embora aqui e ali o convencionalismo falasse mais alto que a franqueza da fraternidade. Nem todos apreenderam ainda as lições que visam conduzir-nos à essência das coisas e preferem a acomodação às vinculações pretéritas, resguardando-se na polidez cívica, na aparência das coisas.

O orgulho cega a razão e bloqueada a capacidade discernente, o homem teima em projectar a sua sombra, em vez de buscar a sua identidade e agir na obediência, no amor que felicita quem o acolhe e vivencia.

Deu-se um passo, a todos os títulos, positivo, estimulador da fraternidade e convergência de vontades, no caminho das realizações mais nobres. Esperamos que não esmoreça aquele entusiasmo e que o sentimento de fraternidade se instale no seio dos espíritas, porque, quando formos um por todos e todos pela Causa, não haverá obstáculos que resistam.

A Federação Espirita Portuguesa, pela dignificação de que foi alvo, quer pelas pessoas em geral, mas em especial pelo expositor dos Seminários e responsáveis pelas Associações e organizações locais, expressa aplauso a todos e seu muito reco

nhecimento.

Unidos em favor do bem comum, conseguiremos honrar os objectivos dos Espiritos Superiores e tornarmo-nos felizes.

A DIRECÇÃO

DIVALDO RESPONDE

Na noite do dia 19 de Abril último, a Federação Espírita Portuguesa recebia na sua Sêde provisória, na rua Maestro Pedro de Freitas Branco, 24-A, rez-do-chão, em Lisboa, o estimado tribuno espírita brasileiro, DIVALDO PEREIRA FRANCO, que respondeu durante cêrca de uma hora às mais diversas perguntas formuladas pelos dirigentes espiritas portugueses e espanhóis, presentes à sua recepção.

No presente artigo destacamos, apenas, duas das questões que lhe foram postas, e as respectivas respostas:

- Qual a atitude da Federação Espirita Brasileira no que diz respeito a Ramatis e quais as diferenças principais com o Kardecismo? Porque eu tenho ouvido que há pessoas espíritas que a creditam nalgumas coisas mas não em todas, e há outros espíritas que não aceitam Ramatis. (Alegria Ara Laplana - Madrid).

- Divaldo : Eu não queria falar pela Federação Espirita Brasileira, Não tenho delegação nem procuração... Mas nós, os espíritas, em geral, no Brasil, preferimos aceitar como essencial, a Codificação. Qualquer revelação mediúnica, seja por intermédio de quem fôr, somente adquire credibilidade quando ela tem um carácter universal. Toda a idéia nova, para poder implantar-se, conforme estabelece a ética da Doutrina Espirita, deve manifestar-se por diferentes médiuns que não se conheçam, em distintos lugares da Terra, apresentando o mesmo controbuto. A mensagem de Ramatis, como qualquer mensagem optimista, traz no seu bojo um contributo muito positivo, com os riscos naturais do fenómeno da filtragem mediúnica. Com todo o respeito que nos merecem todos os médiuns, o organismo central do Espiritismo é a Codificação : as cinco obras básicas, as duas elementares, e a Revista Espirita desde Janeiro de 1858 até Abril de 1869. Dizeríamos que esse contributo mediúnico traz sempre a côr e a eno

ção dos Espíritos que vêm oferecer a sua ajuda. No caso em pauta, algumas das revelações expostas pelo Espírito de Ramatis, à época em que apareceu *A Vida no Planeta Marte* não se comprovaram - o que não deixou de ser algo frustrante para aqueles que momentaneamente entusiastas aceitaram-nas como a palavra definitiva do Mundo Espiritual. Prevalece, e temos a prova, que a morte não dá sabedoria a ninguém, e cada Espírito traz-nos a idéia que ele tem, merecendo, por isso, aguardar sempre o consenso - aquele carácter universalista, para que não venhamos a correr o risco de nos introduzirmos em conteúdos da Ciência sem o arcabouço do conhecimento científico.

De maneira geral, nós recomendamos, como diz o apóstolo: lê-se tudo, investiga-se tudo, e selecciona-se o que é bom. Mas, a contribuição mediúnica não é uma contribuição necessariamente espírita, é um desdobramento da ideia, é uma colaboração.

No que diz respeito às correntes espiritualistas, nós procuramos situá-las como fazendo parte dum processo sócio-anropológico da evolução. A Umbanda, a Kimbada, e outras correntes também orientabistas, todas elas muito respeitáveis, merecem o nosso carinho mas não fazem parte do corpo da Doutrina Espírita. Aquilo que esteja fora da Codificação pode possuir a mais excelente qualidade; porém, não é Espiritismo.

Deveremos ter muito cuidado para que em nossas Casas Espíritas preservemos o pensamento do Codificador a fim de evitarmos que as pessoas fiquem aturdidadas ou se perturbem, tal a massa de informação que neste momento chega de todo o lado. Por exemplo, na área da terapêutica, está muito em voga uma série de terapias: fitoterapia, cromoterapia, etc.. São todas elas muito belas, mas a função da Doutrina Espírita não é curar corpos. Essa tarefa pertence aos Órgãos competentes. Os Espíritos generosos quando nos vêm ajudar, fazem-no em nome da caridade; a tarefa essencial do Espiritismo é curar almas. porque às almas não reservamos blocos operatórios; há uma tendência natural, mesmo em nós próprios, para colmatar a novidade. Tentamos fazer Espiritismo conforme essa novidade e que das suas práticas sejam colocadas essas experiências estranhas que deformam, pela irreflexão, os objectivos essenciais do Espiritismo, que estão muito bem definidos na Codificação Espírita.

- E em relação a Roustaing, Divaldo? (Manuela Vasconcelos - Comunhão Espírita Cristã de Lisboa).

- Divaldo: O Roustainguismo é uma doutrina estatutária da Federação Espírita Brasileira. Nos seus Estatutos, desde há mais de cem anos, consta que o Presidente da FEB deve ser roustaing-

quista.

Falando com toda a justiça, a Federação Espirita Brasileira jamais impôs a qualquer pessoa a aceitação. . . da tese roustainguista, e alguns dos seus directores, mais próximos à presidência, não aceitaram isso, porque na FEB há absoluta liberdade de escolha e cada um aceita aquilo que mais lhe convier.

Só para lhes dar uma idéia e quanto essa liberdade é extraordinária : as obras de Allan Kardec já ultrapassaram os 3 milhões de exemplares vendidos, e as obras de Roustaing não chegaram ainda a 60 mil exemplares editados. Ademais, alguns vice-presidentes são declaradamente independentes do conselho roustainguista e gozam da mesma cidadania - tanto no passado, como no presente. Se em nossos arraiais não tivermos a liberdade de divergir sem dissentir, nós voltaremos às mesmas bases antigas da intolerância, das quais derivamos. É necessário ter a coragem de pensar, de expôr, de continuar na Terra como um lugar comum do Espiritismo, porque o processo de evolução é lento e nem todos evoluem pelos mesmos patamares. Há aqueles que fazem a sua jornada evolutiva pela emoção, outros pelo talento, outros pela acção... Todos irão convergir ao mesmo alvo, que é a perfeição.

Então é isso que nós perguntamos : se cada companheiro está a agir até onde pode alcançar, para que as suas ideias não venham perturbar a marcha e a saudável divulgação dos postulados do Espiritismo, que são os nossos alicerces...?

CARLOS ALBERTO FERREIRA

JORNADA ESPÍRITA 1991

Seria falta de senso não expressarmos publicamente o nosso regozijo pelo programa doutrinário que foi levado a cabo no mês de Abril. Foi um momento alto, que se viveu : a afluência foi boa e todos sentimos o apelo das Forças Espirituais Superiores para que converjamos no labor da nossa edificação, tornando-nos participativos no empreendimento de construirmos a paz e fraternidade, fundamento da saúde e da alegria.

DIVALDO PEREIRA FRANCO, o grande responsável pelo de

envolvimento e execução desse programa que, de norte a sul do País, se fez ouvir com entusiasmo, regressou ao Brasil no dia 3 de Maio, pelas 11 horas e cinquenta minutos. Ficou-nos a saudade dos dias que com ele convivemos e a liqueza do conteúdo do saber que nos legou.

No primeiro Módulo do Seminário de Lisboa, Divaldo procurou fundamentar que o homem não é apenas corpo (matéria). Começando por aludir à Psicologia como disciplina da Filosofia, distinguiu inteligência de consciência, mostrando o engano das teorias materialistas ao afirmarem que todos os fenómenos ditos paranormais tinham uma finalidade organicista.

Fazendo uma abordagem ao *Homem Cósmico*, afirma que o egoísmo, tal como nos dizem os Espíritos Superiores, é o principal responsável pela infelicidade humana, a amarra que tolhe a libertação do Espírito das zonas inferiores.

Procurando apontar o Amor como a meta de todas as aspirações humanas, mostra que se a aventura é expressão da capacidade do espírito que foge à rotina, é importante reflectir sobre as consequências do aventurar-se.

Enfatizando as relações humanas, como manifestação do sentido gregário do Homem, demonstra, com base na *Tragédia Grega*, que os distúrbios de relacionamento assentam nos desequilíbrios sexuais (conforme a psicanálise).

A vida em si mesmo é uma tragédia!...

A falta de visão espiritual levaria o homem a encontrar no suicídio a solução para a vida. Repete, contudo, a história de um homem que ia para o cadafalso e despertou para perguntar-se o que era o homem?

- Recorda a infância ... a monotonia, e descobriu que não amava, que não aspirava a nada... Participou da vida universitária, mas não era um animal social... Reconheceu que não tinha medo da morte, mas sim da vida!

Naquele momento extremo, ele recorda que gostaria de ter feito muitos amigos, gostaria de amar... gostaria... mas era tarde demais!

*

A Sociedade vive de aparências. O homem vive em função das suas projecções, das suas fobias. Procura entender as coisas, mas não toma consciência de si mesmo, da sua essência. Foge às circunstâncias, não as enfrenta. Temos modelos que procuramos seguir, mas - quem somos? Quem é o Homem?

- É preciso que o Homem se identifique. É um trabalho a desenvolver de dentro para fora. A impressão que os outros nos causam, o juízo que fazemos dos modelos que tomamos como referências, pode conduzir-nos a situações penosas, decepções

nantes, porque eles têm os mesmos problemas que nós.

A decepção é fruto do nosso equívoco, que temos dificuldade em admitir.

Devemos preocupar-nos com a descoberta de nós mesmos e construir em nós a base sólida da felicidade. - Conhece-te a ti mesmo! - base de todo o progresso.

A lógica no pensar leva o Homem à busca da verdade.

A estética leva-o à procura da beleza.

A ética impõe-lhe o bem como finalidade.

Daqui que, sendo Jesus o biótipo mais perfeito que Deus ofereceu aos homens para ser-lhes guia e modelo, tomemo-lo como referência máxima e, por certo, não teremos construído a vida com as sombras que projectamos a cada passo e se diluem ao sol da realidade.

*

A educação aparece como necessidade imperativa do Homem; educação integral, que forme o carácter, desenvolva as potencialidades anímicas, estimule a capacidade criativa, faça homens de bem.

Os pais estão em confusão quando impõem aos filhos o seu pensar - os seus padrões - e tolhem a liberdade dos filhos.

Demonstrando que a rotina é a técnica de fugirmos à nossa fragilidade e falta de acção construtiva, contou a história de um motorista de New York que, após 25 anos a conduzir um autocarro, sempre do mesmo modo, roubou a viatura e conduziu-a para outra área. Chegou a um lugar onde lhe faziam uma festa por ter quebrado a sua rotina e a de todos os passageiros.

*

A rotina quebra-se não pelo ilegítimo, que traz consequências, desequilíbrios, sofrimento, mas pela aventura interior, pelos actos dignificantes, pelo que enobrece...

- A Sociedade constrange-nos, persegue-nos criando os medos sistemáticos de enfrentarmos as lutas. Medo do relacionamento, medo de perder o emprego, medo... medo...

O homem social não deve ter medo de nada. Deve fazer a sua imersão no seu EU e identificar-se tal qual é. Deve ter a coragem de identificar-se.

*

É preciso assumir a nossa identidade, de molde a fugirmos à solidão; encontrar o ID, apagando o ED periférico, culminando na harmonia.

A proposta da Doutrina Espirita é a de levar o homem à descoberta de si mesmo. Fôra disso, tudo é artifício.

Divaldo concluiu, chamando-nos a investir no aperfeiçoamento, desenvolvendo o sentido da vida que perspectiva o bem comum, entregando-nos ao serviço (tarefas) enobrecedor. Aprender a ser caridoso é uma missão salvadora.

Somos o fruto do que fizemos e seremos o produto do nosso agir. O homem social é base do Homem Espiritual.

O equilíbrio vem de dentro, porque não basta ser aceita para ser equilibrado, mas, acima de tudo, ser bom. Eis a base da felicidade.

*

Depois do intervalo Divaldo respondeu a perguntas que lhe foram formuladas por escrito. As respostas foram outros tantos ricos ensinamentos encerrando o primeiro médulo, de que tiramos a seguinte conclusão:

O homem social libertar-se-á dos estados fóbicos quando aprender a meditar, a orar e a agir em louvor a Deus, fazendo todo o bem possível, desinteressadamente.

(Continua)

MANUEL DOS SANTOS ROSA

ASPECTO RELIGIOSO DO ESPIRITISMO

REFLEXÕES - 2

No primeiro artigo desta série (nº 13 de REVISTA DE ESPIRITISMO), aludimos de leve aos tão falados "extra-terrestres" e às fantasias que amiúde se tecem a respeito de seres oriundos de outros planetas. Isso, a propósito do 1º mandamento da Lei de Deus, que no texto original proscree inequivocamente a idolatria e o culto a falsos deuses. Aludimos também ao quase inexpressivo culto rendido a Deus, na religião tradicional, em contraste com o exuberante culto prestado aos chamados santos e especialmente a Maria, mãe de Jesus; frisamos que esse Espírito nobilíssimo certamente mais se condói do que aprecia tais manifestações, as quais sem dúvida preferiria endereçadas ao seu e nosso Criador e Senhor.

A religiosidade do homem está-lhe inculpada na própria natureza, constituindo-lhe apelo universal e profundo em direção ao Pai celeste (conforme quesitos 651 e 652 de O LIVRO DOS ESPIRITOS). As religiões instituídas, passos mais ou menos esclarecidos na busca de Deus, frequentemente a embarçam mais do que ajudam, tornando-se compreensível a procura de outras fontes de informação e esclarecimento; e tornando-se compreensível, também, as trevas assumirem iniciativas de pretensa orientação e esclarecimento junto dos incautos, a quem só desejam enleiar e perder.

A codificação espírita adverte escrupulosa e assiduamente desses engodos, em variadíssimos pontos das suas obras fundamentais, com natural destaque para O LIVRO DOS MÉDIUNS. O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO dedica ao tema todo o seu capítulo XXI, intitulado-o **"Falsos Cristos e Falsos Profetas"**; nunca é de mais relê-lo e ponderá-lo, sobretudo ante a maré de falsos profetas que populam no Mundo de hoje, como aliás no de sempre.

Frisamos no artigo anterior que a doutrina espírita não nega a pluralidade dos mundos habitados; pelo contrário, de fende-a claramente logo a partir de O LIVRO DOS ESPIRITOS. Aqui destaco, porém, o CÉU E O INFERNO acerca do que, nos seus capítulos IX e X, esclarece sobre o que são anjos e o que são demônios; de modo nenhum, seres especiais da Criação, mas espíritos que já estiveram encarnados na Terra e noutros mundos, fazendo parte da população humana dos mesmos. Uns, enobrecidos e aprimorados em variados graus da escala evolutiva, tendo em comum o haverem ultrapassado a necessidade de reencarnar; os outros, endurecidos no erro e na maldade, também com vários graus de culpa e endurecimento, obviamente carecidos ainda do processo expiatório e depurativo das reencarnações. Quer os primeiros quer os segundos são sempre estritamente seres criados por Deus, inapelavelmente sujeitos às Suas leis sábias e exactas, estejam em que mundo estiverem, e encarnados ou desencarnados, (já que os espíritos puros também podem reencarnar, por abnegação, em missões específicas).

Porquê, pois - senão por ignorância, perturbação ou intuítos malévolos - arvorar-se alguém em pólo da atenção dos seus concidadãos, acenando-lhes com duvidosos recados e promessas de "extra-terrestres"?

Para estudiosos da doutrina espírita ou quaisquer observadores minimamente atentos, essas espalhafatosas mensagens costumam trazer o selo inconfundível de erro e mistificação, consciente ou inconsciente. Além de espalhafato e exibicionismo, marca-as rematada incoerência e inconsistência, sem que por

isso deixem de aliciar adeptos.

Caso típico, entre muitos, é o denunciado, em Janeiro passado, por **QUINTO IMPÉRIO**, mensário português de temas heréticos. Q. I. relata a passagem, por Lisboa, de exótico missionário, francófono, duma avançada civilização espacial, os "Elohim". RAEL (o misterioso enviado) brindou-nos com a "revelação" de que os cientistas Elohim foram os criadores, em laboratório, da actual humanidade terrestre e declarou vir pedir-nos "ajuda para fazer uma embaixada para os Elohim em Israel". "Ficariamos muito contentes se, quando eles chegassem, houvesse portugueses entre nós" - declarou também. E - vá lá! - não aparentou vir cobrar-nos vassalagem, apesar da sua informação (em gravação vídeo) de que falara pessoalmente com Cristo e Buda, no distante planeta dos Elohim.

Porquê o fascínio do espectacular, das exuberantes manifestações de grandiosidade? Não faltam ao Homem caminhos seguros, métodos e filosofias para buscar com seriedade a harmoniosa e feliz descoberta de si mesmo, de Deus, do Universo. São, porém, "caminhos estreitos", atapetados de sacrifício, renúncia, perseverança. Talvez por isso é que a "estrada larga" do espectacular, da grandiosidade, das panaceias, tão atraente se faz para mentes incautas e desatentas. O que temos nós a esperar de extra-terrestres, helohims, etc., senão distrair-nos dos ensinamentos, comprovadamente seguros, que o Criador tem paternalmente enviado a toda a Humanidade, desde as mais remotas eras, através dos Seus enviados, os autênticos, nossos sábios instrutores?

Há que despertar. Por que esperamos, para nos adiantarmos e aprimorarmos na prática vivida dos Mandamentos da Lei de Deus? dos ensinamentos dos profetas? do magistério de Cristo? Será que tudo isso está ultrapassado, ou em alguma época o poderá vir a estar? Porventura fica tudo derogado pela fantasia e inconscientes recados de qualquer "extra-terrestre"? Voltamos a interpôr ídolos, agora de carne e osso (ou de sombras "telepáticas") diante do Espírito-Criador, único a Quem devemos adoração, em espírito e verdade?

O Pai Celeste, autor único de toda a Criação, não precisa de quaisquer intermediários ou ministros para que se nos revele amorosamente, pela oração e meditação. Deus é o alfa e o ômega, o tudo-em-tudo, a referência eterna e absoluta. Quando aparecer algum extra-terrestre a louvã-Lo e reverenciã-Lo, a proclamar a Sua infinita perfeição, a Sua onnipotência, omnisciência, omnipresença, a apontar-nos o Seu amor e bondade, a total reverência que Lhe devemos, exortando-nos a amã-Lo com todas as nossas forças e com todo o nosso entendimen-

to, acima de todas as coisas - então, sim: esse extra-terrestre será verdadeiramente digno da nossa confiança e acatamento porque corresponderá aos critérios do Evangelho e do Espiritismo, demonstrando, pelos seus frutos, a qualidade da árvore que é.

Mas porquê esperar ainda? Ele já veio há dois mil a nos. Quem poderá ensinar mais e melhor do que Ele?

Acordemos, pois, e deixemo-nos de fantasias. Não percamos mais tempo, uma vez que possuímos todos os parâmetros para o rumo a seguir. Resta-nos apenas caminhar.

JOÃO XAVIER DE ALMEIDA

= A FEP NA TELEVISÃO

Encontrámos, por esse País fóra, muitos companheiros de Ideal que, felicitando-nos por termos ido à Televisão, expressavam sua indignação, face à atitude dos outros entrevistados. Ficámos imensamente gratos e, de algum modo, podemos esclarecer que, condicionados ao tipo de programa e à falta de isenção dos entrevistadores, não pudemos, com a clareza que se impunha, esclarecer os assuntos ali abordados.

Apesar disso, reconhecemos, tem sido muito positiva, a nossa ida à Televisão. Pudemos demonstrar que Espiritismo não tem nada a ver com bruxarias, práticas esotéricas, quiromâncias, e, de algum modo, restituímos ao vocábulo **ESPIRITISMO** o valor (conteúdo) que ele encerra, obrigando - pensamos - a Televisão a reconhecer uma entidade responsável pelo Movimento, e autorizada a falar de uma Doutrina tão mal conhecida da pinião pública. A FEDERAÇÃO ESPIRITA PORTUGUESA passou a ser conhecida e muitos foram os telefonemas e contactos que foram feitos, após isso.

Cabe, contudo, considerar que, de futuro, se viermos a ter nova intervenção na T. V. ou Rádio, devem os espíritas, de norte a sul do País, telefonar àquele órgão de comunicação, aplaudindo o programa, a fim de que surjam outras oportunidades. Não temos dinheiro para "Tempo de Antena", mas dispomos de meios para fazermos um telefonema e estimular outros amigos a fazê-lo. Temos que vencer a timidez e usar de técnicas que, sem prejuízo de ninguém, favoreçam a divulgação das idéias que ama

mos, em prol do progresso colectivo.

Cabe aqui anotar que, este ano, estivemos já na RÁDIO CLUBE DE ALMADA, dando uma entrevista sobre Doutrina Espírita; na RÁDIO PRISMA, de Gondomar, e que Divaldo Franco foi entrevistado pelo Dr. João Almeida Dinis, médico, para a RÁDIO COMERCIAL (com uma audiência a nível nacional), entrevista essa que, dignificando a Federação Espirita Portuguesa, enaltece a importância da Doutrina na solução dos problemas sócio-culturais e psico-fisiológicos.

·Visitas a Associações

De acordo com o seu 'Programa', tem a Federação, por intermédio do seu corpo Directivo, procurado visitar as Associações federadas, com vista ao fortalecimento dos laços afectivos e procurando deixar uma palavra de estímulo e incentivo ao trabalho, congregando esforços no sentido da filosofia federativa: unir os espiritas, fazendo-os sentir membros integrantes de um Movimento que tem por objectivo fundamental o progresso espiritual do homem como base da sua felicidade. Fazemos, pois, parte de um todo nacional que se expande pelo mundo, já que o conhecimento, a fraternidade e a solidariedade não têm fronteiras. Somos células vivas dessa realidade que trabalha em favor do saneamento da Sociedade, pela evolução cultural, moral e espiritual do homem, a serviço do Cristo.

O ideal comum, elo de ligação e coesão afectiva entre grupos e associações está-se desenvolvendo e, à medida que a coerência doutrinária se acentua, ampliam-se os propósitos sinceros de colaboração e solidariedade, no afã de conhecer, aprofundar e divulgar a Doutrina que nos felicita e trabalhar na consolação dos infelizes que a Vida coloca no nosso caminho. Falamos, pois, a mesma linguagem, sentimos os mesmos anseios. Por isso, seja qual fôr o lugar em que desenvolvamos a nossa acção, no sentido de darmos satisfação aos princípios e valores que defluem do Espiritismo, estamos colaborando com o Todo, convergindo para a mesma finalidade.

Apraz-nos realçar, e congratulamo-nos por isso, que em toda a parte encontrámos empenho e esforço no sentido da consciência colectiva, da constituição da verdadeira família espírita. Realçamos o sentido federativo que as instituições manifestam, a todos os títulos dignificante para a "Casa Mãe" do Espiritismo em Portugal.

Assim, encontrámos na ASSOCIAÇÃO ESPIRITA DO PALAÇO o

mesmo labor de sempre, onde o amor à Causa e a preocupação de servir com zelo e responsabilidade são pontos referenciais; o NÚCLEO ESPIRITA ROSA DOS VENTOS, cheio de carinho para com os necessitados encarnados e desencarnados, são a denúncia clara da dignidade e esforço dos seus responsáveis e colaboradores; o NÚCLEO ESPIRITA CRISTÃO, no Porto, e a COMUNHÃO ESPIRITA CRISTÃ, em Rio Tinto, um e outro onde a afluência de pessoas põe à prova os responsáveis, pela exigência constante de se doarem, na defesa da pureza da doutrina que derime conflitos, esbate agruras e ilumina as consciências, favorecendo a paz e a alegria dos que as procuram.

Fomos, com o nosso generoso amigo e prestimoso trabalhador da Causa Espirita, João Rabelo, beneficiando da dedicada cooperação do Porfírio Lago, e das nossas companheiras de jornada terrena, Maria Odete, Carmén e Sofia, respectivamente, visitar os Centros nordestinos de Mirandela e Bragança, a fim de levarmos o nosso abraço de muito apreço e a reflexão que o Plano Maior propiciou, no momento. Observámos que os seus trabalhos expressam a vivência dos valores espirituais que ornamentam as almas esclarecidas. Sentimo-los integrados no Movimento Espirita, atentos e determinados a seguirem uma prática que prime pelo saber aliado à nobreza de carácter que se evidencia nas atitudes generosas com que nos favoreceram.

Lembramos Viseu, baluarte do nosso Movimento nas Beiras; a ASSOCIAÇÃO CULTURAL E ESPIRITUALISTA tem mantido a coerência que o sentido da responsabilidade dos seus dirigentes lhe sabe imprimir, fazendo trabalho profícuo, sempre orientado numa visão globalizante, na perspectiva de honrar os postulados kardecistas.

A ASSOCIAÇÃO ESPIRITA DE LEIRIA tem sido, também ela, o exemplo da capacidade de trabalho, cuja dinâmica resulta fundamentalmente da sua união fraterna, unidade de vistas, orientada pelo espírito criativo e empreendedor dos seus dirigentes. Os cursos de "Audio-Visuais" e de "Dinâmica de Grupos" são iniciativas dignificantes que aplaudimos, e lamentamos que não tenham sido tão participados como seria vantajoso, pelos coordenadores de Grupos e pelos espíritas em geral.

O CENTRO ESPIRITA CRISTÃO, de Fiães, é um viveiro de almas, rico de potencialidades, onde a dedicação e carinho dos seus responsáveis pontifica. Seu contributo à Causa Espirita, tende a acentuar-se, na medida em que o estudo aprofundado da Doutrina, aliado ao sentimento de solidariedade que ali se vive, se expanda nas mentes sedentas de verdade e amor, que ali ocorrem.

Na Madeira, visitámos o CENTRO DE PARAPSIKOLOGIA E

ESPIRITISMO. Ali estivemos com Divaldo Franco, mercê do generoso contributo e empenho daquela Associação, e, na ligação afetiva que se estabeleceu, ficou-nos a certeza de que o estudo da Doutrina Espirita, com base na codificação kardequiana, aliado aos nobres propósitos que observamos nos seus dirigentes, farão, sem dúvida, daquele Centro, um farol da Verdade Maior a iluminar as consciências daquela linda ilha, nas rotas do progresso espiritual.

Outras Associações visitamos, que não fazem ainda parte do quadro federativo, mas por pouco tempo, pois já pediram a sua filiação; uma delas, CENTRO ESPIRITA CAMINHEIROS DA LUZ, como testemunho da sua perspectiva doutrinária e sentido de solidariedade, que dignificam os seus dirigentes, prestou, há pouco tempo, prestimoso trabalho ao Movimento Espirita Português, ao organizar, no Porto, o Seminário que Divaldo levou a efeito promovido pela F.E.P..

Muitas outras são as Associações que temos visitado e, naturalmente, nossas conhecidas, que merecem o nosso apreço e gratidão, sem demérito para qualquer uma cujo nome não citamos porque ainda as não visitamos este ano. Todas revelam, na nossa opinião, o esforço dignificante de aderirem à filosofia federativa e trabalharem pelo bem comum.

Apraz-nos referir que, em toda a parte, com algumas diferenças específicas, como é óbvio, se verifica uma preocupação em ser-se espírita sincero, trabalhar pelo progresso colectivo, em ajustar-se aos preceitos fundamentais da Doutrina Espirita.

Há um reconhecimento quase unânime do papel da Federação Espirita Portuguesa que, na medida do possível, vem procurando unir as vontades para a perspectiva comum, esbatendo o choque de personalidades, derimindo conflitos e seus sobressaltos, chamando o Movimento Espirita para o essencial: conhecer a fundo a Doutrina e vivenciá-la.

Esta é a fórmula infalível para conseguir-se que o Espiritismo restabeleça a pureza do seu conceito, deturpado pelos seus detractores e o Movimento Espirita se torne respeitado e dignificado perante a Sociedade, impondo-se ao contexto sócio-cultural e religioso em que vivemos.

Unidos e determinados a seguir a Filosofia da Imortalidade, seremos a força que remove as montanhas da cegueira espiritual que infelicitam o mundo.

M. S. R.



para as áreas de Lisboa e Porto, a estrutura de um CURSO DE EXPOSITORES ESPÍRITAS, com uma ficha de inscrições, a fim de que recebidas as mesmas, se procedesse à indicação da data para a sua execução, a cargo do nosso dedicado e prestimoso trabalhador da Causa Espírita, Dr. João Rabelo.

A verdade é que, até agora, e já lá vão mais de três meses, só uma Associação da área de Lisboa se dignou escrever, indicando o número de pessoas interessadas. Coisa estranha!... Estamos tão preparados que prescindimos de uma iniciativa positiva, ou tão acomodados que a preguiça tolha as vontades para a realização do útil?!...

Que se passa?!...

K7S VIDEO

Em Maio p.pdo. a Direcção da F.E.P. distribuiu a sua Circular nº 73/91, informando possuir, para venda, cassettes video gravadas, com diversas palestras feitas por Divaldo Franco em Portugal, de alguns anos a esta parte, e de outros oradores espiritas estrangeiros, nomeadamente brasileiros.

Cada cassette custa a módica quantia de 3.500\$00, de vendo fazer parte da biblioteca de todo aquele que se afirma, convictamente, espirita e estudioso da doutrina.

CONGRESSO ESPIRITA 91—SP

Realizar-se-á, numa organização da Federação Espirita do Estado de S. Paulo, no Brasil, entre os dias 18 e 20 de Outubro de 1991, mais um Congresso Espirita, que terá lugar no Auditório do Palácio das Convenções, em S. Paulo.

As informações, mais detalhadas, poderão ser prestadas pela F.E.E.S.P., Rua Santo Amaro, 370, 2º andar - Bela Vista - Cx. Postal 8763 - CEP 01315 São Paulo SP - Brasil, ou pedidas através dos telefones (011)36-9810 - 37-8943 - 34-5331 - 34-5327 -, ou pelo FAX, através do nº (011)578-9472.



CAMILO CASTELO BRANCO

Encerrando-se no final de Junho do corrente ano, as comemorações com que o País entendeu homenagear Camilo Castelo Branco, no primeiro centenário do seu desencarne, a REVISTA DE ESPIRITISMO entendeu associar-se a essa homenagem transcrevendo nas suas páginas uma das mensagens com que Camilo — Espírito, lança o seu grito de alerta a todos os que pensam suicidar-se, descrevendo, como sô ele o seria capaz de fazer, as consequências nefastas de tão tresloucado acto. Aqui as deixamos, como uma advertência para todos esses seres que procuram, na morte, o fim dos seus sofrimentos.

PALAVRAS MINHAS

Pedem-me que diga coisa para servir de abertura ao livro com que se vai dar combate ao suicídio. Equivale a pedir-me sinistra sinfonia para a ópera do Horrível. Não sei dizer quanto é preciso; e tudo o que disser não será, por assaz deficiente, a sombrada verdade necessária. Mas não recuso eu o meu contingente na monbaria: nem quero perder a ocasião, que me oferecem, de mais uma vez bradar aos incautos que se defendam de cair no abismo, em que me precipitei, em aziaga hora. Supõe-se aí que o suicídio é a morte. Alguns crêem que na devolução das carnes verminadas à podridão, está a extinção da vida e do sofrimento. Para estes é a libertação, a quebra da grilheta chumbada ao artelho de forçados do martírio; como para outros é sô remédio pronto a embaraços inextricáveis de momento. Há quem o creia cómodo fecho a uma vida de angústias; como há quem nele veja fácil alçapão por onde se pode fugir às chicotadas dolorosas do Destino. Para uns é cura radical de dores; para outros astuciosa maneira de fugir à sorte adversa. Alguns o têm como remate forçado e benemérito de desilusões; outros o buscam como portaria franca para a região da Esperança. Aos descrentes é finalização lógica para dificuldades e desgostos; aos infelizes, recurso último do desespero acovardado.

Uns crêem conquistar com ele a eterna paz do Nada; o sono tranquilo de que não se acorda mais; outros imaginam-no

alavanca irresistível para forçarem a porta do Esquecimento. Que em uns, com ele, esmagar remorsos de justiceiro jungir; que em outros, com ele, escalar mais rapidamente o céu.

E a todos enganam as tredas e alucinadoras imagens da tentação. Não é morte; não dá libertação; não constitui remédio. Não extingue angústias, nem abre caminho à fuga redentora das açoitadas do destino vingador.

Não sara dores, nem caudilha deserções. Não põe fim às desilusões da alma, nem encaminha visionários às sonhadas bandas da Esperança. Não dá, para os descrentes, razão à sua estultícia; nem aos infelizes consolação permeadora do seu desespero pusilânime. Não conduz o mísero à desejada suprema paz do Nada, nem o acalenta no eterno sono inacordável. Não abre aos tristes a letárgica região do Olvido; não dá aos remorseados mordaca para calarem a grita da consciência; nem ajuda aos crentes tomarem de assalto o Céu.

Para todos o suicídio é o desengano. Simulando defender do infortúnio, impele violentamente ao salto mortal para o Horror.

Não sei de nada que lhe seja comparável. Nem a blasfêmia, que supomos a suprema ofensa à Razão; nem o fraticídio, que acredito a suprema ofensa à Humanidade; nem o matricídio, que presumo a suprema ofensa à Natureza.

O suicídio é a ofensa a Deus. Nele, as dores redobram de intensidade; a alma impregna-se de desesperos que parecem infindáveis no tempo e na angústia. Constitui uma cristalização da Dor; a aflicção da ansiedade que nada satisfaz; a dentada triturrante e perene do Remorso.

Eu fui suicida. Querendo fugir à cegueira dos olhos, fui mergulhar na cegueira da alma. Pensando furtar-me à negrura que cobria o meu viver, fui viver na treva onde os suicidas curtem raivas, sem repouso e basfemam quando crêem suplicar. Fui viver na pávida região onde os réprobos se mordem e agatanham; onde gargalham, de olhares em fogo e rangendo os dentes, os furiosos com juízo. Aonde o suicídio arroga os seus mártires, num repelão brutal de louco, não penetra a luz de Deus, nem a carícia da Esperança. Lá ruge-se, geme-se, chora-se, soluça-se, ulula-se, blasfema-se, pragueja-se e maldiz-se. Não existe paz; não se sabe nem se pode orar. É a caverna do Sofrimento, de que Dante só vislumbrou o portal. Sei que rábicas convulsões lá me sacudiram; que de lágrimas ferventes queimaram meus olhos cegos; mas não adregoa dizê-las. As dores descomunais não se descrevem. Sentem-se, no seu ecúleo titânico, mas não se definem; entram pelo infinito; são o inenarrável; são o incompreensível. Quando o suicida supõe trancar, com a morte, a porta da Agonia, abre a do

ciclo infernal do Desespero. Matando-se, não aniquila a vida ; destrói, sô, num acto de inepta rebeldia, o meio eficaz e providencial do seu progresso; e recua, voluntariamente, a hora desejada da sua felicidade. A vida além do suicídio pertence à fase humana que os homens da Terra não conhecem, para que não têm idéias apropriadas, e a que a necessidade não criou, ainda, palavras representativas.

De umas e outras, todas as que aí mais dolorida, mais trágica e mais sugestivamente pintem o aspecto do Horrível, não dão a impressão esfumada dos tormentos que o suicida entra a curtir, quando, por ingénua ou velhaca presunção, supõe conquistar, por uma violência da sua vontade, o termo do seu sofrer. Isto é assim. É bom? É mau? É assim. É como é, e como é temos de aceitá-lo. É possível que por aí haja quem fizesse coisa mais de perfeição; mas Deus esqueceu-se, lamentavelmente, de os consultar antes de completar a sua obra. Foi uma falta grave; mas já vem tarde a grita indignada dos mestres desse mundo, para remodeá-la. Ponham de lado prosápias de emendar o que está feito. Guardem as sabedorias, que podem melhor servir para adubar manhas e poucas vergonhas nos conclaves palreiros da asnice em que aí pontificam.

Conjuro os que me lerem a que me creiam sem experimentarem. O desastre será irremediável, se não o fizerem. Aceitem, aceitem o facto como ele é. Aceitem a vida como a puderem fazer. Corrijam-na, corrigindo-se. Amoldem-se às situações, ainda as mais desesperadoras. A única situação irremediável aí, é a que se cria com a morte. A tudo mais Deus provê de remédio ; mas Ele é que é o juiz da oportunidade de applicá-lo. Aceitem as dores, a cegueira, as deformações, as aberrações, o desespero, as perseguições, a desgraça, a fome, a desonra, a degradação, a ignorância, a lama, tudo, tudo que de mau, de injusto, ou de rastejante em desprezo a Terra lhes possa dar, que são ainda coisas excelentes e mimosas em desiludida comparação ao que de melhor possam chegar, pelo caminho do suicídio.

CAMILO CASTELO BRANCO
(Espírito)

(Psicografia de Fernando de Lacerda em 20/4/1913, no Rio de Janeiro, para o livro O SUICÍDIO - 2a. edição, FEB, em 1913).

